

Notas e informações

26 SET 1987

Nuvens negras

ANC 3

Finalmente, sabe-se que o porta-voz Frota Neto falou pelo presidente da República quando disse que o sr. José Sarney estava só. Ao se dirigir aos que o escutam no programa "Conversa ao pé do rádio", o presidente Sarney admitiu com todas as letras que se encontra sozinho, na medida em que "está sendo muito difícil governar o País sem um apoio político definido". Segundo se depreende do que disse s.exa., a crise é mais grave do que se poderia imaginar, pois não existe entendimento dentro dos partidos, nem dos partidos entre si — isso dentro e fora da Constituinte. Em suma, cada qual fala sua linguagem e espera ser atendido sem ter de pagar o preço do apoio ao governo. A consequência é que o governo não pode governar.

É sintomático que o sr. José Sarney tenha lançado sobre os partidos a culpa pela ingovernabilidade de que é vítima seu governo. O Executivo, a nos atermos às palavras de seu chefe, não padece de defeito algum, é expedito, coeso, obediente. Dia chegará, no entanto, em que, desejoso de livrar-se de alguns ministros, o presidente invocará, sem a ela se referir, a pesquisa do SNI que aponta alguns deles como desobedientes, indisciplinados, ilegítimos e preguiçosos. Chegará então a hora de jogar a culpa sobre os partidos e alguns ministros, se não todos, e reformar o Ministério ou fazer outras coisas.

São estranhos caminhos, esses que palmeia o presidente para impor seus pontos de vista aos partidos, ou a quem manda nos partidos — se é que eles têm direção e a ela são obedientes. Teria sido tão mais fácil não desacreditar os ministros, nem o sistema partidário, e realizar a reforma ministerial que terminaria por construir a sólida base política que o chefe de governo diz não existir. O presidente parece preferir, porém, caminhos tortuosos — assim permitindo

pensar que a crise havida entre o PFL e a Presidência nada mais foi do que negócio acertado para fazer sentir ao PMDB que a hora do acerto de contas está chegando, e que o sr. José Sarney irá descontar todas as promissórias que acumulou com as ofensas, a falta de apoio e as críticas que recebeu do partido que detém o maior quinhão na distribuição dos postos ministeriais. Se de fato o rompimento entre o PFL e o PMDB obedeceu a esse raciocínio — e a "Conversa ao pé do rádio" permite dizer que sim —, então a República está de fato entregue à manobra política mais sem princípios que se pode imaginar. Pior ainda, ter-se-á a prova provada de que o presidente é intrinsecamente fraco e necessita encenar uma farsa para exercer em sua plenitude as prerrogativas do cargo.

O que preocupa é que o presidente Sarney não atenta para as repercussões que este tipo de ardil possa ter sobre a Assembléia Nacional Constituinte — ou então para elas está por demais atento, o que é igualmente grave. Ainda no calor da crise com o PFL, o deputado Pimenta da Veiga (PMDB-MG) previa que o rompimento da Aliança Democrática poderia ter consequências sobre a votação na Comissão de Sistematização. Para o experiente deputado, nada de pior poderia ter acontecido ao Executivo do que a crise. O tom com que o sr. José Sarney se referiu aos acontecimentos não é tão dramático — mas nem por isso deixa de ter razão o sr. Pimenta da Veiga. Talvez não naquilo que expressou no tocante ao Executivo, mas sim no referente à influência negativa da crise sobre os trabalhos da Assembléia Nacional Constituinte.

Em meio aos milhares de destaques que terão de ser examinados pela Comissão de Sistematização, há de acrescentar um,

que terá seguramente preferência, embora não tenha sido apresentado por nenhum constituinte: de que forma será possível dar, ou retirar, apoio e sustentação ao Executivo para que o sr. José Sarney possa realizar aquilo que ele imagina seja o seu programa, que poucos conhecem? Na verdade, o que a crise PFL/PMDB deixa evidente é que a Assembléia terá de trabalhar em função do que deseja o chefe do Executivo. A carta de demissão do sr. Jorge Bornhausen é explícita, a este propósito: o Executivo deve libertar-se de seus inimigos. Será possível à Assembléia trabalhar neste clima? Ela, que já está semiparalisada, presa na aranha em que se meteu com a sistemática escolhida para elaborar a nova Carta Magna?

Na verdade, quando o presidente da República diz que as crises dentro dos partidos e entre os partidos afetam os trabalhos da Constituinte, está sinalizando para o impasse constitucional — ou institucional, que seria mais grave. Isso quer dizer, resumidas as razões, que os trabalhos da Assembléia Nacional Constituinte podem ter-se inviabilizado a partir do momento em que o PFL rompeu com o PMDB sem que houvesse razões fortes para tal — pelo menos evidentes e razoáveis. Simplesmente se rompeu e pronto. Atente-se, porém, que ao depois o presidente disse que os partidos não se entendem e que não é possível governar desse jeito. O deputado Pimenta da Veiga não sabia que o presidente iria dizer o que disse, mas temeu por antecipação o que poderia suceder na Comissão de Sistematização. Não seria mais acertado temer pelo que possa suceder à Assembléia Nacional Constituinte, quando o chefe do Executivo diz que a falta de entendimento "cria um clima de insegurança para o governo e para a compreensão popular"?